

O jardim de todos

Carlos Rodrigues Brandão
desenhou as palavras

Ísis Zahara
coloriu as imagens

Um jardim de tudo e para todos

Vocês sabem porque é que este livro tem este nome: **O JARDIM DE TODOS?**

É fácil. É que pensamos que todas as coisas boas da **Vida** bem podiam ser de toda a **Gente**. Bem podiam ser, o tempo todo, de todas as **Pessoas**. De todos nós. Assim: de todas as mulheres e de todos os homens, de todas as crianças, de todos os jovens, de todos velhos, e até de todos os adultos. De **todo o Mundo**, ao mesmo tempo. De toda a **Gente** de todos os lugares do **Mundo**. **Gente** que nós conhecemos muito bem. **Gente** que conhecemos um pouco. E **Gente** que a gente nunca viu e nem sabe se existe. Mas existe, em algum lugar. Então, que o que é bom de viver, seja um bem para **todo o Mundo**.

Que seja como um **jardim sem portões**. Um desses jardins onde qualquer um pode entrar e onde tudo o que é bom e belo não é de ninguém. Não é de ninguém sozinho, pra poder ser então **“de todo mundo”**. Será que é um sonho tão difícil assim desejar que tudo o que existe de bom no **Jardim do Mundo** seja agora e continue sempre sendo de todos nós?

Não! Não é tão difícil assim! Não é nada impossível!

É só vocês olharem em volta. É só fecharem os olhos por um instante e sentirem o **dom da Vida** dentro e à volta de vocês. É só abrirem os olhos de novo e depois começarem a olhar com carinho e com atenção tudo o que existe em vocês e ao redor de vocês. Principalmente se vocês estiverem ao ar livre, ou diante de uma janela aberta para o **Céu** e para o **Mundo** “lá fora”.

Então é sentir e olhar, cheirar, ouvir e pensar. A começar por sentir, ouvir, cheirar e olhar o **corpo** de vocês. As mãos, os pés, as pernas, braços, o peito, o pescoço e a cabeça e tudo mais... Olhado e sentido por dentro e por fora.

E sabem porque? Porque o **Jardim do Mundo** começa **dentro de nós** mesmos. Começa **em nós mesmos**. Em cada uma, em cada um de vocês, e em mim. Em cada um de **nós** e em **todos nós**. A cada momento **cada pessoa** é o começo do lugar onde começa o **Mundo**. E onde nós estamos juntos, convivendo um momento de **nossas vidas**, ali está mais ainda um belo e cheio de vida lugar do **Começo do Mundo**.

Vocês já repararam uma coisa? Vocês já pensaram que as melhores coisas da **Vida** e do **Mundo** estão aí, por aí, por toda a parte, “de graça”? Estão por aí, por toda a parte, “de graça” e oferecidas para **Todo o Mundo**? Respire fundo e sinta o ar da **Vida** entrando dentro de **Você**. Custou caro? Foi preciso comprar? E o **céu azul** e o **azul do céu**? E o passeio das **nuvens** pelo **Céu de Setembro**? Pois agora é Setembro e a **Primavera** vem aí. **Vocês** que às vezes esperam tanto o começo de um programa da televisão, já pensaram em esperar o começo da **Primavera**? E, fiquem sabendo, não tem programa de TV mais maravilhoso do que o que acontece quando a **Primavera** chega uma vez mais, todos os anos?

E o **mar**? o **verde das águas do mar**? E a **água** que cai com a **chuva** (e está na hora de as águas voltarem de novo, com a **Primavera**)? E o **reverdecer** das folhas nas árvores? E o colorido das **flores** nas plantas da **terra** e da **Terra**? E o vôo de um **pássaro**? Ah! Todo o mistério da beleza da **Vida** no vôo de um passarinho! E o cantar de um **sabiá**? Vocês já pararam um dia pra ouvir um **sabiá** cantando?

E, no fim das contas (ou no começo delas), o milagre da maravilha deste imenso **jardim de todos** em que nós nascemos e onde vivemos as **nossas vidas**. A de cada uma e de cada um de nós. E a vida de nós todos, **juntos**. Vocês já pensaram que tudo o que existe aqui na nossa casa comum, este barco de nossa viagem pelo **Universo**, chamado **Planeta Terra**, existe e se move, e nasce, e

cresce, e vive e morre e nasce de novo, para que a cada momento **cada um de nós** possa estar aqui... vivo, e vivendo? Já pensaram nisto?

Tudo o que existe e está por toda a parte neste nosso **Jardim de Todos**, existe para que você possa colocar dentro de você o próximo pouquinho de ar que você trará de **dentro do Mundo** para **dentro de Você** quando você respirar. Agora, por exemplo! Respirou? E então?

Pois nós escrevemos e desenhamos as palavras e as figuras do **O Jardim de Todos**, para dizer com **cores** e **poesia** um pouco de tudo isso.

Se quando vocês lerem e verem o que desenhamos e escrevemos, vocês sentirem um pouco mais a **vida da Vida** dentro de **Vocês**, então valeu a pena termos desenhado e escrito este livro.

E se você for capaz de pensar, lá no **fundo do fundo de você** que o **Milagre da Vida** está por toda a parte, então valeu termos escrito este **Jardim de Todos**.

E se você aprendeu a sentir um pouquinho mais, que o **Milagre da Vida** existe em tudo e entrelaça tudo, e existe em **Você** e enlaça **Você** no fio da **Vida** de **tudo** e de **todos**, então valeu mesmo a pena a gente ter desenhado e ter escrito, para depois lermos juntos, cada palavra e cada página deste **jardim de todos nós**.

O **jardim** está aí. Aqui. É só abrir as páginas, os olhos, o coração, e começar a andar. Boa **viagem**!

Carlos Brandão e Isis Zahara

*E mais todas as **gentes**, e os **bichos** e as **plantas** e a **Vida** que esperam vocês desta página em diante. E, quando o livro acabar, que esperam vocês por toda a **parte**, e em toda a **Vida**, e em todo o **Mundo**.*

o mapa do jardim

a água e os outros

a água
o vento
a areia
a terra
o fogo

um outro e mais outro

o sapo
o vaga-lume
um pasariinho
um passariinho (de novo)

no mês de agosto, lá no Cerrado

três pastores de areia

o primeiro
o segundo
o terceiro

o arabesco

do um pro dois
do dois pro três
do três pro quatro
do quatro pro um

e abriu-se em flores
estória de índio
no oco da noite

o antes
de dentro do silêncio
os avessos contrários

do calor para o frio

março
abril
maio
junho

o poço e o fundo
vestindo a camisa
luaflor
o tempo e o tempo
uma bordadeira de Pirapora
a terra amiga
alice
antes... agora

a lagarta e a borboleta

janeiro/fevereiro
março/abril
maio/junho
julho/agosto

os barulhos do silêncio
(um outro, quase igual)

a chuvarada
cançãozinha do triste
um trem indo por aí
lá em casa
do escuro pro claro

os avoantes e os outros

um passarim piador
conte lá que eu canto cá
passarinhada
um passador piarim

lugar de bicho

tudo e todos nós

um pequeno milagre
eu? eu!
meus olhos e os teus
tudo, todos e o todo
tudo e eu
quando é onde?
quem? quem!
o espelho do rosto
onde e quando

a água e os outros

A água

Límpida e fria
cristalina e amiga
a água clarinha
escorria e descia
descia e viajava
e criava o riacho.
E o rio que lá ia
no seu caminho
De cima pra baixo
fazia um espelho
no remanso do lago
onde à noite a lua
acendia o seu facho.

O vento

fiada e urdida
pintada e tecida
com a fala depressa
que a pressa dizia
voando e ventando
ventando e voando
de ontem pra longe
era só essa a roupa
que vindo do norte
ventando e voando
voando e ventando
o vento vestia.

A areia

Artesã e arisca
a areia branca
da margem direita
do rio onde vive
de areia se cobre
e de areia se cria.
Ela tece com água
com vagar e magia
o pano que borda
e a roupa que pinta
E costura e fia.
E no rio ela veste
o tecido que tece
do dia pra noite
e da noite pro dia.
E a espuma tecida
do rio quando a toca
com a mão leve e breve
é a letra da imagem
da palavra sentida
da saudade que nela
ele escreve... ele escreve.

A terra

Arada de novo
com a alma de artista
no chão de setembro
e no dia de ontem
a terra é macia
e cobre de flores
de todas as cores
e todos os nomes
a pele do outono.
De manhã morna
de tarde quente
e de noite tão fria
ela espera a chuva
A semente e o homem.

O fogo

Ora, é uma verdade
dessas tão singelas
e escrita com palavra
tão pequena
que fica até difícil
compreende-la:
tudo o que existe
na pequenina
chama de uma vela
brilha com o mesmo
no brilho na chama
de uma estrela.

Um, outro e mais outros

O sapo

No meio da noite
Na beira do brejo
Da curva da estrada
O sapo sonha e coaxa.
A saracura acha brega
A perereca não acha.
E o sapo que nem se lixa
Na curva do brejo
Da beira da estrada
Namora a lua e coaxa!

O vaga-lume

A vela do lume
dessa ave mínima
ilumina a noite
tre-me-lu-zen-te.
E o desejo vago
de ser vaga-lume
e a luz reluzente
de seu barco errante
sem ilha e sem rumo
acende um luzeiro
assim ... de repente
de luz e de espanto
na alma da gente.

Um passariinho

Deixou-se prender
na arapuca do menino.
E a vida virou um vô
pequenino ...

Um passarinhinho

(de novo)

Veio voando de longe.
Veio chegando sozinho
nas asas do vento-destino.
E pousou perto da ponte
por cima de um riachinho.
E depois voou pro chão.
Entrou, havia três grãos.
Ouviu uma porta fechando
e então viu que estava preso
na arapuca de um menino.
o longe ficou mais longe
e a vida de quem voava
livre e vivo como o vento
virou um vô pequenino.

No mês de agosto, lá no cerrado

Um pé de Ipê
floriu na minha porta
e hoje foi com ele
que o sol clareou
o céu do mundo.

Não fosse a flor do Ipê
assim, na minha porta,
e de que cor seria
hoje a cor do dia,
o amarelo do sol
que existe em mim,
e a maravilha sem fim
deste segundo?

três pastores de areia

Para Adelia Prado

o primeiro

Pastoreava seres de almanaque:
um rebanho de carneiros e quimeras.
E como não dava a eles uso algum
criava todos pelo só desejo de anjo
de vê-los soltos e errantes pelo pasto
como nuvem do cristal de seu agrado.
Pastor de ovelhas e senhor do afeto
multiplicava em cuida-los a vigília
e adormecia no entresono do cuidado
e acordava sonhando que sonhava.
Chamava cada um de um nome antigo
e nomeando o amor servia ao ofício
de inventar o amor ... a cada dia.

o segundo

Plantava favas de um feijão amargo
e dele nem aos porcos não servia.
Pelas flores que abriam cultivava
alqueire e meio dessa planta brava.
Floriam de seis cores e as amava
arco-íris em outubro semeado
e que aos campos de abril trazia cheiros
de um perfume de lareiras e lonjuras.
Suas favas - segredava - eram fadas,
tinham vida – dizia – tinham almas.
Comia milho e arroz de meio hectare
e a melhor terra que tinha dedicava
a essa lavoura de odores e ternuras.

O terceiro

Criava burros, éguas e cavalos.
Não montava em nenhum e nem a carro
que algum peso levasse os submetia.
Pastor infante, a pé pastoreava
o seu alado rebanho de centauros.
Não corria. Com alfafa e com poemas
atraía a tropa possuída e não usada.
Eram seus filhos - dizia - sua tribo.
Nunca vendeu um só. Morriam todos
de uma velhice selvagem e repousada
entre os ventos do sul e a erva verde:
inteiros, garanhões, fêmeas e machos
de um tropel bravio e inesgotável.

O arabesco

Para o Ivan

Do um pro dois

A fiandeira da teia
da esteira do tempo
pinta e borda de verde
a viagem do vento.
Nem bonita e nem feia
nem menina e nem velha
com a palma colhida
em setembro e com calma
ela molda o retrato
da figura da vida
e do rosto da alma.

Do dois pro três

Meio fada, meio duende
meio bruxa, meio gente
com areia e alegria
ela tece o que sonha
entre o nada e o infinito.
Ela borda e adormece
e desenha no sono
as estórias que aprende
e reconta de dia.
Mas de noite adormece
e ela esquece, ela esquece
e por isso não lembra
o que ontem foi feito
e o que nunca foi dito.

Do três pro quatro

De manhã ela escreve
com aquarela e violino
com trovão, chuva e raio
os três nomes do lindo:
bicho, flor e arco-íris.
E num mesmo balaio
de taquara e sereno
guarda o velho e o menino
guarda o grande e o pequeno
guarda o instante e o infindo.

do quatro pro um

E você que é tão sábio
Que viveu tanto tempo
E que lembra de tudo!
ah! você - tempo - conta:
quem no já é ainda
e não veio e foi indo
e já volta na ida?
Quem é casa e é caminho?
E começo e chegada?
E semente e colheita
E renasce onde acaba?
Quem começa onde finda
entre o só e o sozinho:
o repente da hora
demorada ... estendida
do finzinho do dia
da segunda da quinta
do novembro de maio
no entremeio do agora
do principio da vida?

E abriu-se em flores

(com Ipê, de novo)

Quando um pé de Ipê floresce
nasce um mistério de novo.
Pois quando o Ipê se abre em flor
lá no Cerrado em outubro
floresce a parte no todo
e tudo o que é bom renasce
em cada flor que se abre
No seu pedaço do todo.
E cada flor - cada parte -
quando tinge a sua cor
pinta a sua parte no todo
da planta onde a flor é parte
de tudo o que a terra cria
e a planta-flor faz com arte.
Assim, cada flor renasce
na parte em que a flor é tudo
no seu momento do mundo
do todo onde a planta é parte.

Estória de índio

Então foi bem assim:

tudo veio da água

da água veio tudo

e vem e é sempre assim.

E de água é o nada

e de água tudo enfim:

eu, você, o chão e o céu

a chuva e a onça, a anta

a capivara, a mãe e o menino.

A hora da manhã, a claridade

do sol e a tarde anoitecida.

Da água tudo nasce e dela vem

o que veio e o que vem vindo

E d'água é tudo o que foi e é:

a vida e a vida da vida viva

a moça, o velho e a morte

e o que há trás dela escondida

e o “v” do verde da cor verde

e o anu, a ema, o tiê, eu e você

e o que cresce sem sair de onde nasceu

e tudo o que voa, nada e vai em frente

deitado, de quatro patas ou de pé:

todo o bicho, todos, todos mesmo

e o bicho-gente, o homem-bicho, até.

No oco da noite

O silêncio do sono bom da noite
deixa ouvir o som dos cem ruídos
dos bichos do capim e do arvoredo:
o ciciar do silvo dos seus sapos
o coaxar do canto dos seus grilos
o pio dos passarinhos nos poleiros
e o cantorio de viola em mi maior
da floresta sem-fim dos mil insetos
do reinado dos bichos cantadores
cantarolando com os bichos violeiros.

Mas num tom mais baixo, mais no fundo
no vale do silêncio onde ele sente
quando o escuro ilumina o que ele é,
a noite embala a toada do sem-rumo
do homem viajando no seu sono.
A noite vem e para e ouve e escuta
o murmúrio do segredo refletido
no espelho polido na lembrança
que há no oco do poço sem-limite
do sem-lume da sombra do seu sonho.

O antes

Era um tempo – foi e era
E era mesmo. Era um tempo
e era antes, muito antes.
E era longe, longe e era sempre.
E era um quando antigo
como um ar de chuva fina
trovoada e pé-de-vento
dessas estórias de menino
de gato, fada e de duende.
Era como alguém chorando
na janela de um trem partindo
no verão de qualquer hora
de um dezembro.

Mas era um céu de outono
e a tarde triste e marinheira
viajava devagar a uma ilha
a uma terra sem-nome
em um lugar longe
depois de um outro
bem mais longe ainda.

E era assim. E foi!
E senão quando
no meio desse instante triste
(triste de triste, mas não tanto)
um sorriso chegou
onde era o pranto:
e então virou claro
o que era escuro
e ficou sendo espanto
o que era um susto
e acabou sendo aqui
o que era longe
e virou agora o que era antes.

No dentro do silêncio

No silêncio
há uma sombra
e ela sonha.
Sonha tristonha
a sombra
do silêncio.
Soziínha de só
na longa noite
ela sonha ser
uma palavra
Mesmo que escura,
Como: 'sombra'.
Uma palavra só
só essa: "só".
Ela anseia haver
na noite escura
um barco indo, indo e indo.
Um brinquedinho
de bolso de menino
uma pipa subindo
e um fim de tarde.
Sonha a sombra triste
ser – quem sabe? - um dia
o sentimento do repente
de um momento.

De um então bem assim:
agora e aqui e aqui e agora.

E assim tão sempre, tão
como quando uma gota
de água cai no chão
e afina como água a flauta
e toca uma canção
com o som da sombra
do sonho do silêncio.

os avessos contrários

O outro lado do mar
é o mar ainda.
É o claro do instante
que a tarde colore
quando acaba e finda.

Nem azul e nem verde
e nem negro e nem cinza
esse lado é o avesso
da aquarela de afeto
que o seu pincel risca
e rabisca e repinta
quando faz o desenho
com a ternura que sente
por tudo o que existe:
o que é vida e é vivo
o que é vivo e revive,
pois a vida é tão isso
e é o avesso da vida
e o avesso de tudo.
pois o avesso da vida
é a vida ... ainda.

do calor pro frio

março

As águas de março
embalam o verão.
Há um ar de outono
no céu do chão.

abril

Chegando do norte
plantou a se-mente.
Há outonos que florem
prima-vera-mente.

maio

A chuva acordou
e disse pra vida:
primeiro o calor
e eu, em seguida.

junho

Disse a vida verdinha
pra chuva e pro frio:
chove, chuva, chove
que o resto eu crio!

O poço e o fundo

Pois esse poço é profundo!
Dizia um velho a um menino.

É tão profundo esse poço?
Dizia ao velho o menino.

*É mais fundo do que o fim
do poço sem-fim do Mundo,
dizia o velho ao menino.*

*Mas se é tão fundo esse poço
quem sabe quanto é profundo?*
Dizia ao velho o menino.

*Meu pensamento me disse,
dizia o velho ao menino
filosofando e sorrindo:
quando se sente o mistério
quando se olha pra dentro
do outro lado de tudo
com o outro lado da mente,
quando se pensa profundo
o pensamento da gente
viaja na mão do vento
e vai longe, mais do que o longe
do fim do poço e do mundo.*

Vestindo a camisa

A folha verde da árvore da amora
 alimenta uma pequena lagarta marrom.
 A lagarta come e cresce e come
 e de um casulo de fios ela se veste.
 Quando o casulo seca e a lagarta voa:
 borboleta lilás no céu de azul!
 chega o homem e acontece isto:
 quem plantou, colhe e põe no cesto,
 o tintureiro tingem os fios com aquarela,
 a fiandeira fia e faz pano de seda fina,
 a costureira coze a camisa que eu visto.

E quando acordo e visto a blusa de manhã
 eu visto o trabalho da mão da costureira
 a cor do tintureiro e o amor da tecelã.
 E visto no corpo um casulo secando ao sol
 com a folha da amora e a fome da lagarta marrom.
 E como tudo está no corpo de um fiozinho só
 e há um mundo na teia de um pano azul-marinho,
 na camisa eu visto o sol e o sonho a chuva e o vento
 e o galho e a flor e o fruto e o ar e o passarinho,
 a borboleta e o sereno, a névoa e a noite passageira
 e o calor e o frio a terra o fogo e a água amiga,
 e a abelha e o maribondo a mariposa e a formiga.
 Pois a camisa me põe no corpo a terra inteira
 E com todo o mundo eu me cubro e entreteço
 vestindo uma blusa de seda que me abriga.

luaflor

São seis horas da tarde
e nem é dia agora
e nem é noite escura
e já floriu a lua
e já nasceu a flor.

E a lua no alto prateada
olha lá pra baixo, lá de cima
e tem inveja de uma flor
alaranjada e pequenina.
Porque a lua, tão eterna
Passa e é tão efêmera
Enquanto a flor
tão passageira
é tão infinda.

o tempo do tempo

Se o *hoje* já não é *ontem*
e nem o *amanhã* é o *agora*,
será que algum dia volta
pra ser de novo outra vez
o que um dia foi embora?

Mas se o *hoje* já foi *ontem*
e sai do *agora* o *amanhã*,
se tempo nasce do tempo
o que será do que à tarde
Já era assim de manhã?

Uma bordadeira de Pirapora

As mãos que bordam
cândidas, cálidas
são as mãos de Ângela,
amiga das artes
dos fios da fala.
Vindo e vagando
vagando e vindo
no chão do pano
o fio tecido
e entrebordado
de peixe e ave
gente e acalanto
parece um rio
entre-me-ado
de água e vento.
Um rio de cores
amado ... amigo
correndo manso
entre as mãos ágeis
entre as mãos sábias
de Ângela ... anjo.
E as mãos que bordam
vão verdejando,
vão veredeando,
e vão viajando
pelo caminho da trilha
tecida de fio de linha.

E caminhando pelo caminho
As mãos desenham
E bordam e pintam
o São Francisco
rio do destino
com as sete cores
do encantamento.

E o pano pronto
tão de repente
depois de tudo
depois de tanto,
sente a saudade
do passamento
daquelas mãos
cálidas, cândidas
de água acalanto
das mãos de Ângela.
De cor e canto
do fio da festa
do sentimento.

A terra amiga

A avareza da terra
é ao contrário:
é de lá-para-cá
e é pelo avesso.
È de dentro-para-fora
e é amo-rosa-mente.

O de que ela mais gosta
é de dar tudo o que tem.
Quando come uma semente
ela devolve ao mundo
Uma árvore ... lenta-mente.

Alice

(voltando daquele país)

Vestida de branco
e madressilva,
ainda tão alegre
e já tão triste
entre a tia, a casa velha
o coelho e a cotovia,
e entre ser como sempre
e a vontade travessa
de uma outra vida-fantasia,
que sonhos ela sonhava
de menina?
E que vida atrás da vida
ela vivia?

Antes...agora?

Ontem eu pensava estar vivendo
o que hoje sei que eu não vivi.
Mas agora eu sei que hoje eu vivo
o que antes eu pensava que vivera.

Eu imaginava antes que eu sentia
o que hoje eu vi que não sentira.
Mas agora sei que eu sei sentir
o que antes eu achava que senti.

Eu julgava antes que eu sabia
o que eu hoje sinto que não soube.
Mas agora quando penso eu sei
o que ontem eu não sabia não saber.

A lagarta e a borboleta

Janeiro/fevereiro

Do lado de dentro
do seu casulo no escuro
a lagarta olha o mundo
e pensa que ele é o mundo
e tudo o que existe na vida
é ela e o seu casulo.
Ela abre os olhos no escuro
e olha o negrume de tudo
e pensa que o mundo é assim:
escuro... escuro... escuro.
Ela ouve o som do silêncio
recolhido dentro do casulo
e sente a canção da vida
como um silêncio de tudo.
No galho de cedro lá no mato
o casulo da lagarta é como
uma flor de prata no inverno.
E ela pensa: *o mundo sou eu
o casulo, o silêncio e o escuro.*
E isso é tudo. Tudo! Tudo?

março/abril

O sol de março veio e secou o casulo
e a prata da casa da lagarta virou palha.
Dentro dela entrou um instante de arco-íris
e do corpo da lagarta marrom floriu
um par de asas vermelho-e-azul
laranja-e-preto, lilás e luz de anil.
A casa do casulo abriu a porta
e o vento veio vindo e disse: *vem!*
E ela disse: *eu vou*, e voou no vento.
E era um outro tempo ... e era abril.
E ela viu a vida viajando de vôo a vôo
um longo vôo perto e longe do casulo.
E foi quando - irmã do vento - voando
e revoando ela descobriu um mundo
além do vôo. E ele era assim: o capim
o sol, a chuva, o sereno, a madrugada
o calor e o frio, o fogo e a água e o ar
e uma estrela no céu e o campo e a mata.

maio/junho

Entre o mundo e aqui, havia aqui
um outro mundo.

Havia outros, outras: ela e todos e tudo!
E em tudo à volta ela se via e via o outro:
borboletas como ela e de outras cores
e mariposas, grilos, içás e vaga-lumes
abelhas e marimbondos, cigarras e formigas
seriemas e sanhaços sagüis e saracuras.
E ela aprendia com outros o ser só e o conviver.
Colhendo mel entre uma flor e outra flor
ela viu que o seu vôo era um fiar no tempo
de entremeio a tantos outros. No fiozinho de si tecido
pelo caminho entre uma flor e outra

a cada gesto do vôo no casulo do mundo
havia o pano invisível dos mil fios dos outros.
Entre o roçar das cores de quatro asas
e o leve toque do seu corpo em outro corpo
ela sentiu isto: o amor. Sentiu e voou nele
e aquele foi um longo vôo de que tudo é feito
(ou quase tudo ...)

E foi quando ela descobriu no corpo a leveza
do milagre do peso de outras vidas. Ah!
E espantada de surpresa ela perguntava:
Quem está aqui em mim que ainda sou eu
e já é o outro? Quem? Porque? E quando?
E num dia de maio ela deixou na folha da roseira
um ramalhete de ovos que o seu amor semeou.

Julho/agosto

Sempre há um outro vôo, depois:
Desconhecido. Há sempre um outro
quando se pensa que se conhece todos.
Um dia pedacinhos das asas da borboleta
voaram dela e vieram dar de volta ao chão.
Então ela mesma caiu depois de um vôo
e no frio de julho, no fino fio do fim da vida
a borboleta sentiu a hora de partir de volta
a um mundo de outras flores, de outros vôos.
E tudo agora era um casulo vivo e imenso
entre outros ares de vento e vida e tudo e todos.
E no chão de julho, como quem dorme e acorda
ela era a terra e o fogo, a água e o pó do chão
e a flor e a semente e o ar e a alma que há em tudo.
(em tudo)

os barulhos do silêncio

(um outro, quase igual)

É noite escura e já que é noite escura
O silêncio finge que adormece e cantarola
Com o grilo do canto dos sapinhos
e o coaxar do silvo de mil grilos.
Com o murmúrio do riacho, o seu marulho
e a canção do vento e do arvoredado
no lusco-fusco entre noite e madrugada.
Com o ruído de tudo e coisa alguma
e o som-sem-fim da banda em fim-de-festa
no sopro em mi maior da mataria
dos mil e um cantores da floresta.

E num recanto do mato, numa casa
na esquina entre aqui e não-sei-onde,
num cantar mais lento e mais tristonho
e sem palavras e dizendo tanta coisa
a noite escuta o estranho ruído rouco
dos segredos do homem no seu sono.
Ele canta o segredo que há no fundo
da água escura do poço do seu sonho.

chuvarada

Quem podia
com a chuva
que choveu?
(você não viu?)
À que aguou o mundo
de aguaceiro,
e choveria
de novo
se pudesse:
sete noites
três tardes
e outro dia.

E haja teto
telhado
e guarda-chuva!
Pois a chuva
Chove e rechove
noite afora.
E noite adentro
rechuvava
e rechovia
e de novo
ela revinha
e reventava
e alagava
o que havia
e trovejava
e remolhava
a sua vida
e até a minha!

E era água
na toca do tatu
e era vento
na casa da cotia
e era raio
no galho do urubu
e no “ó” do “i”
do papagaio

E mais chuva chove
e trovejoa
e cai água e mais água
e trovoada
e a chuva-sem-fim
aguava a mata
e molhava
pelo e pena
e bico e rabo
no riacho e no rio
no céu, no chão
e no lago, lagoa
e o poço fundo
no começo do fim
do fim do mundo
bem pra cá de onde
houve um redemunho
em pra lá de onde
era o Maranhão.
E choveu, gente,
e rechovia

no todo de tudo
quatro vezes,
de conta do sete
e noves fora
tudo o que existia
deu em água:
deu em furo e mofo
deu em nada!

E nadava quem sabe
e quem não soube
entre bicho de água
de ar e terra,
e a chuva caía
e aguava o mundo
e molhava sapão
de lagoinha
e do sapinho molhava
o lagoão.
e assim (atchim!)
se acaba agora
a hora da chuva
e da história
dessa chuva sem fim
que se acabou
numa loca de mato
que existia
lá na curva dum fundo
que há no mundo
do começo do meio
do sertão.

Cançãozinha do triste

Ó, Lua Nova
eu vou cantar-te agora
uma canção antiga
que um dia eu fiz.
Uma cantiga
que eu cantava outrora
quando eu era alegre
quando eu fui feliz.

Ah, Lua Nova
como um rio de prata,
como um fio de cobre
que o luar teceu.
Me conta, Lua
quem te canta agora
essa canção tão triste.
Triste como eu?

Um trem indo por aí

A vidraça do trem aberta abraça
a lonjura dos verdes do sertão.
As aves cantam e o trem escuta
o sol se por no espelho da janela.
Há uma curva depois de cada curva
e outro morro atrás de cada morro.
É tarde e a tarde vai e a noite vem
e acende em cada estrela a sua vela.

Há uma alma de trem em cada coisa
pra quem viaja com os olhos de menino.
Pois sempre é o mesmo e é sempre o novo
entre vãos e veredas, rios e a mataria
do caminho que o trem risca com o dedo
e desenha na tela do arvoredos.
Basta olhar com os olhos de criança
e há um pedaço de céu em cada terra
por onde passam a noite e seu segredo.
Por onde viajam o trem e o seu destino.

Lá em casa

Um raio de sol
entrou pela janela
e clareou o escuro
de amarelo

Da chaminé
choveu um arco-íris
e aquarelou de alegre
o que era triste

Pela varanda
Chegou a luz do dia
E revestiu de claro
O quanto havia

Chegou do Oriente
Um por-de-sol
E salpicou a tarde
De ouro em pó

Do escuro pro claro

No escuro do dia
a sombra do sol
brilhando sozinha
a luz do seu brilho
tateia o caminho
de onde ela veio,
por onde ela vinha,
e pra aonde ela ia.
Pois mesmo no claro
da hora sem sombra
do meio-dia
sempre sobra a sombra
do lado de dentro
de um escurozinho.

Os avoantes e os outros

um Passarim piador

Um passarinho vagaroso ama ouvir.

E o vento – eco – voa e ecoa o canto

e afina a flauta no oco da viola.

A ave canta sentido um canto fino

um fiozinho de canto, um cantorinho

e no som do sopro solfeja e cantarola

Um segredo que aprendi e conto agora:

Em todo o passarinho há um menino

contente de ser ave e voar no céu.

E quando pia, voa e vai embora

ele viaja mundo-e-meio num momento

pois podem tanto na ave e na criança

o pio e o canto, o vôo e o sentimento.

Conte lá que eu canto cá

Xexéu Anu
Sabiá!
Conte lá
que eu conto cá.

Pintassilgo Tiê
Curió!
É três é dois
é um só.

Ema Mainá
Dorminhoco.
Um é muito
e três é pouco.

Oitibó Sofrê
Quiriri!
Tem dois lá
e um aqui.
Perdiz Canário
e Mutum.
Tem dois aqui
e lá ... um.
Andorinha Graúna
e Xexéu.
Dois no galho
e um no céu.

Anú Curió
Sabiá.
Conte aqui
que eu conto lá.

Curiango Tiziu
Uirapuru!
três vestidos
e nenhum nu.
Zabelê Pomba
e Pardal.
Já cantei muito
afinal.
Pomba Pardal
Zabelê.
Agora conta você!

Passarinhada

Na brisa da manhã lá no Cerrado
 um papagaio viajero voava
 seguido de araras periquitos
 tiês-sangue tizius e tesourinhas
 siriemas sanhaços sabiás
 e outros bichos que andam pelo ar.

E vinham todos voando de avoantes.
 Vinham buscando um verde pelo mato
 lá onde a passarada passarinha
 e se reúne na copa do arvoredado
 e desde a manhã cedo cantarinha
 e cantarola o seu cantarolar.

Quem lá do chão visse essa avezinha
 no seu vôo de duende vento e fada
 sonharia um sentimento assim, assim:
*Ah! Nesse vôo eu bem ia se pudesse
 viajando por aí como quem vinha
 de um canto a um outro e de léu-a-léu.
 Passarinho de um sonho saltimbanco
 papagaio de cor verde-e-dourado
 passageiro sem pressa de chegar
 passaredo do rio azul do céu.*

um passador piarim*

** com a ajuda do Manuel Bandeira*

Irêrê meu passarinho
passarinho pasarim
do sertão longe daqui.
Irerê meu companheiro
avezinha do nordeste
voa do sertão pra longe
voa do sertão pra aqui
e vem cantar perto de mim.
Vem cantar que a noite veio
veio chuva veio vento
veio viola caipira
veio a coruja e curiango
saracura e bacurau
Maria-acorda-que-é-dia
veio tudo o que é do canto
e até o pássaro sofrê.
Veio tudo noite afora
veio vento veio chuva
veio violão e viola,
e só não veio você.

Irerê meu companheiro
Passarinho ... passarim
Vem me contar no teu canto
O que é feito do sertão.
Será que ele ainda existe
Meu companheiro Irerê
Lá no Nordeste do Mundo?
Ou será que ele acabou
Irerê meu companheiro.
E agora é só saudade
Semeada no meu peito
Com a raiz no coração?

Lugar de Bicho

Os bichos não são “de circo”
nem circo é “da bicharada”.
Lugar de bicho é no mundo
“mundo, mundo, vasto mundo!”
Livre e solto, solto e livre,
livre como um sentimento
voando livre e mais nada.

Lugar de peixe é no rio
de pingüim é no frio
de saracura é no brejo
de tatu é no buraco
de passarinho é no vento,
Lugar de onça é no mato.

Bicho não nasceu pra gente
prender matar consumir!
Nem pra curral ou gaiola
pra viver triste e sombrio.
Do jeito como é com a gente
bicho é uma outra gente
que nasceu pra ser feliz:
pra nadar correr namorar
e viver a vida dele
como ele sempre quis.
Fazer ninho toca abrigo
botar ovo e criar filho
e ter no mundo a sua casa
e ver em nós: seu amigo.

Por mais que a cabeça invente
uma razão pra “ter bicho”
e mandar na vida dele,
o bicho é uma outra gente
e gente a gente não compra
não troca, não dá e não vende
nem faz dele o que quiser.
Não maltrata bate e prende
pois como eu e você
pois como homem e mulher
bicho nasceu pra ser livre
como qualquer outra gente.
Como outra gente qualquer.

De bicho não quero ser dono
eu quero ser só um irmão.
Não quero bicho na jaula
no açougue ou na geladeira
ou nas grades do alçapão.
Eu quero é bicho voando
Livre livre livre livre
no céu desse mundo inteiro.
No céu do meu coração!

Um pequeno milagre

Uma vela sozinha ilumina a noite
A luz da chama clareia a sala inteira.
Um círculo de luz, rodinha de fogo
do tamanho de um sopro de menino
fez aqui um por-de-sol de metro-e-meio.
E esse milagre de sombra e luz acesa
inventava um céu de estrela e pirilampo
bem em volta da mesa e do tapete.
Tudo é breve na noite desta sala:
a fechadura, o sofá, o vidro da janela
o retrato antigo, a porta e a lareira.
Tudo passa e passou e vai embora
a não ser a chama eterna de uma vela.

Eu? Eu!

Eu sei o que eu sei
e sou o que eu sinto
quando eu sinto e sei
o que eu sou e sinto.

Mas eu também sou
tudo o que não sei
e sei que eu estou
onde não me sinto
ou onde eu me sinto
sem saber quem sou,
onde eu sou e sei
ou não sei, mas sinto.

Meus olhos e os teus

Põe no teu rosto, amigo
os meus dois olhos
e depois olha o mundo
como eu.

E então me dá, amigo
os teus dois olhos
para que eu olhe o mundo
como vês.

Depois, chega mais perto,
mais ainda.

Chega junto de meu rosto
Amigo, pra que eu me veja
nos meus olhos do teu rosto
e com os teus olhos nos meus.
Pois assim eu vou saber quem sou
sabendo em mim, amigo, quem tu és.

Depois, olha o teu rosto
com os teus dois olhos
no meu rosto, amigo
para que saibas quem eu sou
e quem tu és.

Tudo todos e o todo

Somos feitos de barro e do fogo
e por isso somos o desejo e o amor.
Fomos feitos de terra e de água
e assim somos eternos como a vida
e somos passageiros como a flor.
Somos a luz a sombra, o claro, a escuridão
a memória de deus, a história e a poesia.
Somos o espaço e o tempo, a casa e a janela
e a noite e o dia, e o sol e o céu e o chão.

Somos o silêncio e o som da vida.
O estudo, a lembrança e o esquecimento.
Somos o medo e o abandono.
A espera somos nós e somos a esperança.
Pois não somos mais e nem menos do que o todo
e nem somos menos e nem mais que tudo.
Somos o perene e o momento, a pedra e o vento
a energia e a paz, a vida criada e o criador.

Somos o mundo que sente, e irmãos da vida
somos a aventura de ser vida e sentimento.
E assim em cada ave que voa há nossa alma,
e em cada ave que morre, a nossa dor.

Tudo e eu

Vive em mim
o fio de seda
do bem da força
do amor de tudo.
Eu vivo nele:
no fio que fia
e tudo tece
e une tudo
e em tudo junta
um lado e o outro
e vive em tudo.
Eu estou em mim
e estou em tudo
quando amo todos
e amo tudo
o tempo todo
e a toda hora.

E sendo eu mesmo
e estando em tudo
em tudo, assim:
eu estou na terra
e estou na Terra
na flor, no bicho
no chão, na lua
no céu, no sol
no arco-íris
na borboleta
e no alecrim!
Eu vivo! Eu sou!
E sendo em tudo
o tempo todo
há toda hora
eu vivo agora

Quando é onde?

Quando acaba
o que começa
e onde fica
o que termina?

Quando a chuva
cai no chão
ainda é a chuva?

Se o chão vira
poça d'água
ainda é o chão?

Quando a poça
seca e é buraco
ainda é poça?

E o sol que seca
a poça, ainda é sol
quando é de noite?

E de manhã
quando é claro
o que foi feito da noite?

E o vento
quando não venta
ainda se chama vento?

quem? quem?

Quando eu durmo e sonho
O homem que aparece
no meu sonho, sonha?

E eu? Eu sou eu mesmo
ou eu sou só o sonho
de um homem com sono
que quando dorme me sonha?

E quem é que sonha
o sonho onde dorme e sonha
o homem que me sonha?

Será que sou eu, com sono,
que quando adormece sonha
o sonho onde dorme e sonha
o homem que me sonha?

E quando eu acordo
o que é feito
do homem que eu sonhava
Que adormecido me sonha?

O espelho do rosto

Na noite escura
do mês de agosto
as águas mansas
de um rio remanso
espelham estrelas,
mas não o meu rosto.

No cristal do espelho
procuro e não acho
todo o meu corpo.
Só nos olhos de um outro:
um alguém amigo
e no espelho de um rosto
os meus olhos me vêem
e então eu acho
e eu me encontro.

Me encontro e acho
e não a imagem
como no espelho
mas a mensagem
com que eu me escrevo
e em que me entendo
quando ela é lida
Na voz de um outro.

Me toco e vejo:
eu sou a gente
que bem conheço.
Mas só me acho
Quando me esqueço.

Minhas mãos se lavam
uma na outra
mas não me enlaçam.
Pois sendo minhas
elas só casam
com as mãos de um outro.
Assim, me afago
mas não me abraço
e só me enlaço
em outros braços.

O que foi **desenhado** e escrito aqui
começou num dia que ninguém mais
se lembra quando é que foi. E foi!
Mas o que se escreveu e **desenhou**
se acabou de **desenhar** e de escrever
na manhã de **céu azul** e *nuvens brancas*
com muito vento e anúncio de *chuva*
na virada da **Lua Crescente** para **Lua Cheia**
do dia oito de setembro do ano de doismile3
faltando um pouco pra chegar a **Primavera**.
E foi acabado de ser **desenhado** e escrito
num lugar do **Sul de Minas**
chamado **Sítio da Rosa do Ventos**
perto de **Pocinhos do Rio Verde**
no *Vale da Pedra Branca*
em **Caldas**, Minas Gerais,
perto do **Céu**, longe do **Mar**,
aqui, no **Planeta Terra**:
Nossa barca, nossa casa e nosso lar.